

Índice

O QUE MOVE O SILÊNCIO DO CAVALO

I. O que Move o Silêncio do Cavalo	
Da mudez do cavalo	19
Palmeiras bravas	20
Caminhos de areia	21
Gullfoss, Castelejo	22
Há uma casa	23
Homenagem a Wallace Stevens	24
De um fragmento de Stevens: versão 1	25
Explicação de um desenho	26
Bioy Casares	27
Para o evangelho de Pasolini	28
Há um vento que vem e que espalha	29
Lembrarei o rosto	30
Quando o ano acaba	31
Ao longo deste caminho	32
II. A Manhã É a Hora das Abelhas	
A manhã é a hora	35
Tantas foram	37
<i>Rosa, rosae</i>	38
Da espessura	39
Fóssil grande	40
A flor	41
Rubens	42

O jogo de <i>basket</i>	43
Há um sopro	44
A luz corta	45
Hoje, em Novembro	46
Dali eu vejo	47
No céu de Londres	48
Uma exposição de JQ	49
No gesto que reveste	51
Guitarra	52
Sopro	53
Uma estante de livros	54
A grande imprecação	55
Hanno	56
Ada	57
Falava-me	58
As cidades como as palmeiras	59
A casa	60
III. Outra Vez o Cavalo	
Outra vez o cavalo	63
A Praia de São Julião	64
O Oeste que te digo	65
O tempo	66
Fixo olhar	67
Sobre um desenho	68
Embora	69
Vejo a luz	70
Há caixas de cartão	71
Os erros	72
Joana	73
Xavier	74

ANTERIORES LUGARES

Lugares, 3

Iluminações

<i>Dies Irae I</i>	81
<i>Dies Irae II</i>	82
Pequena crónica de Anna Magdalena Bach	83
Sobre um filme de João César	84
<i>Madame de...</i>	85
Mediterrâneo	87
Silêncio	88
<i>Just put a lot of love in it</i>	89
Museu do Prado	90
Retrato de Olga	91
O vestido de Edith	92
<i>Carlos V na Batalha de Mühlberg</i>	93

Lugares Solares

Numa noite de Agosto sobre a Ria do Alvor	97
Verão antigo	98
Paisagem siberiana com comboio e bétulas ao fundo	99
<i>Um cão no campo trespassa a noite</i>	100
<i>Um cão velho ladra para dentro como</i>	101
Os cães costeiros	102
<i>Naquele tempo aprendi a escolher lenha de sobro</i>	103
<i>Eles dirigiram-se para o Adriático, Veneza</i>	104
Costa Oeste (Béltico)	105
<i>Email Road</i>	106
Canto por alguém que vai partir	107
<i>Queria o sol tosco inacabado</i>	108
Glosas	109

Lugares Imoderados

A R. L. e a um poeta	113
<i>Que o desconhecido habita em qualquer um e em ninguém:</i>	114
Para Jimi Hendrix	115
Áspera voz	116
<i>Leio tais palavras de uma língua sombra</i>	117

Personagem	118
Sobre uns desenhos de cabeças	119
A violenta casa	120
Nada	121
A letra escarlate	122
Entreténs	123
A pata divina	124
<i>Dizer que Cecília é ácida é atribuir-lhe um dom de matérias</i>	125
<i>Estamos todos aqui sentados a ouvir</i>	126
a D.us	127

Livro das Passagens

Travessia e Passagem

<i>Da secura da terra saem uns dentes de osso seco</i>	133
<i>De novo como um pranto surdo, ao vento</i>	134
<i>De vez em quando a máquina arranca</i>	135
<i>Naquele monte ali olhamos</i>	136
<i>Partindo de Reiquiavique para leste e pela costa descobrimos,</i>	137
<i>Houvera que sem demora ir onde a terra ardia ainda</i>	138
<i>Também o comboio canta a demência de ser</i>	139
1 — Lisboa, 4 de Julho de 2004, domingo, Cemitério da Luz	140
2 — Lisboa, Inverno de 2006	141
<i>Espanta-me como podem parecer</i>	142
<i>Estavas sentado nesse dia junto ao grande</i>	143
<i>Como velar o lugar ali havido</i>	144
<i>Não é do mundo o que o nosso corpo-um</i>	145
<i>Num lugar arenoso, de meã beleza</i>	146
<i>A casa que transportamos traz</i>	147
<i>Havia então em Setembro, quase Outubro</i>	148
<i>Já a luz que vi atravessar o Pico</i>	149
<i>Que concedido nos foi pisar este lugar</i>	150
<i>Colado ao vidro um azul que não é da terra</i>	151
Junto ao mercado dos escravos	152
Tópico	153
<i>Como se eu pudesse parar o andamento, eis-me</i>	154
<i>Veio a mim a tarde pelo rio</i>	155
Sem lugar	156

Transfigurações	
O acto	159
<i>A Menina do Mar</i>	161
Esther Kahn	162
Um livro	163
Um filme	164
O filtro	165
<i>Como se desterrada a música se levanta sem sombra</i>	166
<i>Os papéis ardem como arde a casa</i>	167
Um filme	168
No museu	169
No museu	170
Sobre um desenho de António Dacosta	171
<i>Destro, a morte teceria</i>	172
Vai e vem: Dafne	173
<i>Belle du Seigneur</i>	174
Faces	
<i>Dá-lhes o mais parado rosto</i>	177
Sobre uma fotografia	178
Alice	179
<i>Todas as tardes têm a forma do destino</i>	180
<i>Daquela vez vinha-lhe da mão,</i>	181
<i>Porquê a doçura —</i>	182
Da solidão de F.	183
<i>A dor que tem a forma apática</i>	184
<i>Toda a terra lhe parecia o exaustivo</i>	185
<i>Aqui ela julgou fundear como num templo</i>	186
<i>E vieram sinais prenunciadores</i>	187
<i>Por vezes de repente nela vê-se</i>	188
<i>Não sabia exactamente como olhar</i>	189
<i>Às vezes vem no vento um ser perdido que</i>	190
<i>Alguma coisa em ti caiu nas mãos de Erínia</i>	191
Pouco sabereis	192
<i>Tudo está jogado, disse aquele</i>	193
Estrema	
<i>Suprimirmos as palavras, o ar cortar</i>	197
<i>Silêncio posto como uma espécie de ordem</i>	198

<i>Olhar o que foi, o que lá existe</i>	199
<i>Como se deslizássemos para um fundo ouvindo ainda</i>	200
<i>À noite procuras as luzes incoincidentes, como se fossem vozes</i>	201
<i>Apenas os ventos que sempre amaram a casa rude e retraída</i>	202
<i>Como se afastada fosse do que fui contigo</i>	203
<i>Se partir pudesse ser não mais</i>	204
<i>Do grande incêndio não mais sabes que o indício</i>	205

Lugares

Cresceu a Casa aqui neste Lugar	
<i>Cresceu a casa aqui neste lugar</i>	211
<i>A luz da tarde que caíndo acompanhava</i>	212
<i>Quando o tempo é de Setembro</i>	213
Castelejo 1	214
Castelejo 2	215
<i>Há ainda as glicínias caídas do lado</i>	216
<i>Todos os dias o tempo sob a forma</i>	217
<i>Sete são já os anos de assoreamento</i>	218
<i>Hora em que cresce, dá à costa</i>	219
<i>Não alinhei palavras sob o nome</i>	220
Melides	221

Ela Tem o Corpo levemente Inclinado	
Fotografia dos meus avós	225
<i>Como se inventássemos um rosto</i>	226
<i>Da piedade que havia nos modos</i>	227
Ainda a alegria	228
Z.	229
<i>Há seres assim que se encerram</i>	230
<i>Há um leve desdém na boca entreaberta</i>	231
<i>A face levantada e quase doce</i>	232
<i>Não há data em ou sob a luz</i>	233
<i>Por vezes era de noite tomado</i>	234
<i>Conta de feridas e assombros</i>	235
<i>Daria para um grande largo da cidade</i>	236
<i>A imagem está ali: sob a poalha</i>	237
<i>Seu destino não foi</i>	238
Cantadeira	239
História breve	240

Quando Isabel Archer Atravessou o Atlântico	
<i>Portrait of a Lady</i>	243
Emily (1)	245
Emily (2)	246
Emily (3)	247
Emily (4)	248
<i>An Angel at my Table</i>	249
Escritos de Malevich	250
Malevich (2)	251
Retrato de Federico Gonzaga	252
Fragmentos de <i>Sicilia!</i> de Straub e Huillet	253
<i>For Ever Mozart</i> de Jean-Luc Godard	254
<i>Uma fé de medusa cega que nela se aninhou como</i>	255
Isabel Archer (2)	256
<i>Ousou que das coisas do mundo</i>	257
Túmulos de Alcobaça	258
<i>The Thin Red Line</i>	259
Sem mais que a Familiar	
<i>Sem mais que a familiar</i>	263
<i>Vigia em ti a besta</i>	264
<i>Pedras de silêncio somos</i>	265
<i>Por vezes chamas</i>	266
<i>Olhá-los-ás sempre iluminados e partidos</i>	267
<i>Estranha determinação a de um</i>	268
Carne	269
<i>Não há nenhuma luz</i>	270
Sonho	271
<i>E no entanto era bela nesse gesto</i>	272
Em nome do filho	273
<i>Não cessas de olhar esses caminhos</i>	274
<i>Regresso à terra como quem espera</i>	275
Em Novembro	276

O que Move o Silêncio do Cavalo

I

O QUE MOVE O SILÊNCIO DO CAVALO

DA MUDEZ DO CAVALO

Uma pequena porção de mundo ilumina-se quando olhamos os movimentos repetitivos da cabeça do cavalo, o seu ritmo obediente e cego, o ritmo passivo como é o dos dias quando uma mancha de sombra, inexpressiva e sem cor, se coloca ao longe

Então contra o vento ele obstina-se, mas é um vento branco e a obstinação é como se fosse imóvel e a cabeça grande abana, as árvores passam e ele e o homem seguem, nem contentes nem tristes, apenas em conflito

Ao longe a rapariga aproxima-se, também ela um pássaro de tempestade e cinza, parda e contorcida porque o vento, como o tempo, é uma vontade demasiado forte para a resistência da porta

Refugiam-se nos rituais como se eles fossem sebes de arbustos resistentes: aos gestos da sobrevivência sobrevivem estes — assim dormir é seguir uma luz amortecida

Como se na hora da imobilidade suspendêssemos o tempo por cima das nossas cabeças, como se travássemos as suas inexorabilidades

O que nos persegue não tem corpo, é apenas o suceder das coisas, sem reconhecimento; cego talvez seja isto o que move o vento, pensa o homem, o que move o silêncio do cavalo, a mudez de ambos

PALMEIRAS BRAVAS

A palmeira traz da natureza um vento negro
que não vem de nenhum lado

Ouvimos o som sibilante que resvala nas palmas,
o som que mistura à noite quente
um antiquíssimo murmúrio praguejante

A palmeira acolhe a indisciplina dos ventos
os sons que assobiam nas palmas
e que se misturam à voz bárbara de Charlotte,

aos olhos amarelos
à voz que profere pragas de amor
como se um veneno ácido a tomasse

É o vento que assobia na voz de Charlotte
e na estrénuo aceitação de Harry
between grief and nothing I will take grief

CAMINHOS DE AREIA

Está uma noite tão quente
como no Sul de Faulkner

como numa varanda,
num outro Sul, o sonho

Só que agora não disponho
dos caminhos de areia,

das ásperas melopeias
da infinita noite de Bayard

do cão, das facas, do cavalo

GULLFOSS, CASTELEJO

Uma luz de prata bate
e transforma em pedra cada face
porque em Gullfoss a terra é uma crosta

A terra é um talho,
diz um deus sentado na montanha —
que cada um caminhe com cuidado

O clamor das ondas abre túneis
por onde alguém parte
Em Gullfoss eu vi
pousada na lousa uma cabeça

e uma lâmina secreta
(aquela que brilha no coração da praia)